

Artes

Secretaria Municipal das Culturas
Instituto Municipal
de Arte e Cultura - RIOARTE

Cidade do Rio de Janeiro 2004
Ano 13 nº39

Rio

Alexei Bueno
Claudio Moura Castro
João Paulo Duarte
José Castello
Lauro Cavalcanti
Leonel Kaz
Lilian Fontes
Paulo da Costa e Silva
Regina Stella Braga
Rogério Reis



A LIÇÃO DO OLHAR

FANTASIA E INVENÇÃO NO PALCO DAS RUAS
E DAS LONAS CULTURAIS



“Os seres retratados parecem não carregar fantasia nenhuma, mas a própria pele”.

- É aí que aparecem os improvisos de última hora: o folião trabalha no depósito de tinta – onde há tinta com prazo vencido! – e cria uma “vestimenta” de tinta para seu corpo; um “homem árvore” arranca alguns galhos e cria sua fantasia ou um “homem jornal” se veste... com pedaços de jornal.

Os depoimentos de Rogério são envoltos em pausa... ele não quer ter certezas, nem faz afirmações dogmáticas (a exemplo de certas correntes intelectuais, tanto em voga). Rogério tem uma convicção íntima do que faz, do que fez, da intimidade que estabeleceu com o folião, do retrato que, apaixonadamente, atravessou as vestes toscas e retirou no olhar, no gesto, nos jogos de luz e sombra, muito mais expressão do que a mera fantasia. Heloísa Buarque de Hollanda, no prefácio ao livro *Na Lona* percebe não ser um interesse antropológico ou mesmo um gosto especial pelo Carnaval o que mobilizou Rogério:

- Pelo contrário, arriscaria dizer que sua relação com o Carnaval é funcional (...) eleito pelo fotógrafo apenas como o diabólico studio de seus portraits. Aqui, não será possível encontrar imagens dentro das nor-

mas de um realismo jornalístico ou estetizante. Ao contrário, neste trabalho definitivo, Rogério Reis se expõe e nos expõe ao realismo absoluto, original, louco, do espanto fotográfico diante da realidade.

Um fotógrafo que carrega seu próprio corpo e dentro dele um olhar. Um fotógrafo que carrega uma lona e, para fazer jus a ela, um “caixote” de olhar. Um fotógrafo que carrega para dentro do papel fotográfico – ou destas imagens impressas que você tem diante de seu olhar – um coloridíssimo festival de nuances e movimentos que, contraditoriamente, só a foto “parada” na lona e em preto e branco poderiam revelar. Num mundo profuso de cores e excessivo de imagens – esta sociedade de espetáculo que coloca o espectador à margem de tudo –, Rogério Reis traz de volta uma estranha sensação de ver, nas fotos carregadas de fantasia, qualidade as mais infantis, as mais pueris, as mais singelas da natureza humana, como se os seres ali retratados não estivessem carregando fantasia nenhuma, mas a própria pele. Por isso, as fotos de Rogério só fazem acrescentar mais vida à própria vida.

Leonel Kaz é editor do jornal RioArtes

